

# humanitas

Vol. XLVIII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



# HUMANITAS

Vol. XLVIII • MCMXCVI



circunstancia fortuita de no haber tenido, durante esos siglos, un poeta, por ejemplo, de la altura de un Dante.

Tovar sugiere que para conocer el griego clásico es preciso comenzar por el moderno y luego retroceder en la historia de esa lengua, así como cuando un extranjero pretende conocer a Cervantes, empieza por el español actual y a partir de allí se remonta al de los siglos XVI y XVII.

El volumen que comentamos consta de dos secciones. En la primera el autor traza una sucinta -pero sustanciosa- historia de la lengua griega en la que sigue la interpretación tradicional; en la segunda, en cambio, al abordar “el enfrentamiento de ambas pronunciaciões: la nacional y la reformada”, aboga encarnizadamente en pro de la pronunciaciön nacional y, en consecuencia, en favor del abandono de la erasmiana, no sin dejar de presentar numerosas pruebas y testimonios sobre una disputa cuatro veces centenaria.

En cuanto al problema de la herencia de la Grecia clásica corresponde puntualizar que este legado no es privativo de la Grecia contemporánea, sino de la cultura occidental en general *que se asienta, precisamente, sobre pilares helénicos*. Empero, sí es vedad que un heleno-parlante tiene más posibilidades que quien no lo es, de bucear en esas fuentes.

El trabajo, que destaca la importancia y significado de los estudios bizantinos y neohelénicos, lleva prólogo del helenista Charalambos Korakas.

HUGO F. BAUZÁ

MAURICIO BEUCHOT, *Tópicos de filosofía y language*. Universidade autónoma do México (Cuadernos del Instituto de Investigaciones Filológicas, 17), 1991, 247 p.

Que os problemas da linguagem acompanharam sempre os problemas filosóficos (pp. 24-25, com a remissão para Moore) comprovava-o já no sec. IV a.C. Platão, ao definir, no *Sofista*, a linguagem como uma das seis espécies de Ser e condiçãõ *sine qua non* da filosofia. As actuais tendências da Filosofia Analítica para reduzir a essência da actividade filosófica à análise da linguagem mais não são do que a interpretação exclusiva de um vínculo a que Parménides veio, pela primeira vez, dar consistência lógica. É o caminho que leva a essa exclusividade – com destaque para os contributos de Aristóteles e do tomismo no âmbito da linguagem – que dá em grande parte o tom a este notável e utilíssimo conjunto de estudos de M. Beuchot.

Prozuidos entre 1980 e 1991, os estudos em causa ordenam-se numa perspectiva coerentemente pedagógica, cuja intencionalidade está patente no *Proemio*: um primeiro momento destinado a delimitar o caminho filosófico de acesso à linguagem, por contraste com outras disciplinas que versam sobre ela (“Hacia una noción de Filosofía del Language”, pp. 11-32); um segundo, preenchido com a reflexão teórica sobre as principais doutrinas do significado e da significação do

nome próprio (“Teorías de la verdad y teorías del significado”, pp. 33-75 e “Puntos de vista sobre la semántica de los nombres propios”, pp. 77-94); e um terceiro, cujo intento é aplicar a Filosofia da Linguagem a problemas concretos (“Language y pensamiento”, pp. 95-112, “Language, metáfora y poesía”, pp. 147-160) e à relação da linguagem com duas disciplinas fundamentais da filosofia (“Language y lógica”, pp. 113-132 e “Language y metafísica”, pp. 130-160).

Neste último agrupamento podemos incorporar os ensaios exclusivamente dedicados ao pensamento de duas personalidades tão diversas quanto marcantes no actual panorama dos estudos sobre a linguagem: F. de Saussure e P. Ricoeur (respectivamente: “Saussure: o el surgimiento de la actitud estructuralística y sistemática en lingüística”, pp. 161-211 e “Ricoeur: el giro hermenéutico de la Filosofía del Language”, pp. 213-223).

Não é possível dar aqui detalhadamente conta da abundância informativa e da subtilidade de nexos estabelecidos entre perspectivas antigas e recentes da linguagem, particularmente entre o tomismo e algumas tendências da Filosofia Analítica. Característico, aliás, da abordagem da maior parte das temáticas é a clarificação e o confronto de correntes de pensamento mais representativas, cujas inovações, deficiências ou excessos são emblematicamente referenciados em função da doutrina aristotélico-tomista, que tem no A. um confessado adepto (p. 19).

Nessa linha de “tomismo recente” (p. 209) se insere, por exemplo, toda a discussão semiótica em volta da relação significante/ significado (interpretando este na dualidade fregiana de “sentido” e “referência”, já de algum modo contida nas noções escolásticas de *significatio* e *supposito* – pp. 33, 38 e 65) e da interdependência entre teorias do significado e teorias da verdade que, embora perspectiváveis no âmbito da psicologia e da epistemologia, entram essencialmente no domínio da ontologia: qual o *status* lógico das significações?

A variedade das respostas actuais, que vão do platonismo conceptual de Frege ao fisicismo assente na verificação experimental, postulada, entre outros, por Schlick, Carnap e Weismann – passando pelo frágil e ambíguo estatuto do significado como função do uso (2.º Wittgenstein, Ryle, Austin, etc.) ou da conduta (Skinner, Russell, Morris, Quine) – encontra-se já de algum modo prevista na doutrina aristotélico-tomista, e mesmo superiormente unificada na explicitação do significado como signo natural e formal, susceptível de chamar a si a referência onde a realidade exterior falha (pp. 66-73).

Especialmente interessante, neste contexto, é a evocação da simbiose medieval *verbum mentis/verbum cordis* (pp. 67-68), reminescente dos *pathemata psyches* “afecções da alma” de Aristóteles, que a linguagem terá por função expressar (e não o pensamento *tout court*) – uma linha de unificação objectivo/ subjectivo e intelectualivo/ afectivo que, segundo cremos, as mais recentes investigações neurológicas se aprestam a confirmar<sup>1</sup>. À luz da mesma simbiose se valoriza a experiência interna do discurso do *eu* sobre a consciência, nas sua vertentes lógica, semântica e pragmática; dela decorre, de acordo com uma postura claramente mentalista (p. 109), a definição ontológica da consciência como função da inteligência, o realce epistemológico da introspecção e o reconhecimento de “las

<sup>1</sup> António Damásio, *O erro de Descartes: emoção, razão e cérebro* (trad. port.), Lisboa, Círculo dos leitores, 1995.

entidades mentales que habitan en la consciencia” (pp. 111-112, onde há a assinalar uma das poucas gralhas do livro: repetição de linhas).

A confluência entre tomismo e Filosofia Analítica na ênfase dada à linguagem como objectivo privilegiado de reflexão filosófica e, bem ainda, a supremacia do tomismo como corrector de reducionismos utópicos são uma vez mais exemplificados nos estudos especificamente consagrados a Russell (“Linguagem e lógica”) e a Ayer (“Linguagem e metafísica”) – ambos, representantes de tendências complementares da filosofia analítica. Com Ayer, numa primeira fase, assiste-se à eliminação sistemática da generalidade das disciplinas tradicionalmente atribuídas à filosofia – sobretudo a metafísica, mas também a teologia, a ética e a estética – em favor da análise lógica da linguagem (das ciências), corroborável pela verificação empírica: radicalismo que será posteriormente auto-corrigido com a aceitação da distinção, vinda de Carnap, entre “cuestiones externas y cuestionen internas a un sistema de lenguaje” (p. 145). Quanto a Russell, o fracasso, também auto-reconhecido, da utopia de uma linguagem-modelo remete para a maleabilidade das gramáticas especulativas medievais que, “al menos en la escolástica tomista, es una idea menos pretenciosa, más natural y humana, en el sentido de más respetuosa de lo constituye la riqueza del lenguaje, a veces indomeñable por la lógica” (p. 132).

Não por acaso, a mesma contraposição é evocada a respeito de Saussure e da exaustiva leitura do *Cours de linguistique générale*, que preenche o oitavo ensaio do livro: a rígida concepção saussuriana de língua como sistema estratificado de relações de oposição, talvez útil ao nível de uma “linguística pura” que Saussure procurou erigir em ciência autónoma, é, do ponto de vista da filosofia da linguagem, “una idealización que exige simplificaciones en los datos para que puedan darse demostraciones” (p. 208), idealização alheia ao próprio facto de que “la lengua vive de la creatividad de los hablantes; está en continua transformación” (p. 210).

Essa marca vitalista da língua, ou da linguagem, está bem presente na metáfora, operante sobretudo a nível semântico (pp. 149-151), e literalmente interpretável – em função dos princípios semióticos de Frege e Morris – como um “conflito de referência” (p. 152). A resolução desse conflito passa pela análise das “relaciones o evocaciones” que nos reconduzem da “realidad poética” (em que o A. situa predominantemente o discurso metafórico) “a la realidad natural” (p. 154).

Racionalmente legitimada na base da analogia entre referentes, a transferência de sentidos, que Aristóteles distingue como aspecto essencial da metáfora, entra assim no campo da hermenêutica (pp. 154-155). O ensaio dedicado ao seu mais lídimo representante (P. Ricoeur) acentua, no contexto de “la relación del lenguaje con el mundo ...”, de “la relación con los demás a través del lenguaje en la comunicación intersubjetiva, y la relación consigo mismo como sujeto” (p. 222). – que são as traves-mestras da hermenêutica ricoeuriana –, o papel indispensável das metáforas, “las cuales, al igual que los modelos, son instrumentos heurísticos para re-describir creativamente el mundo” (p. 221).

O último tópic mencionado é também aquele que nos suscita reservas. Na sequência de uma perspectiva tomista, não há, em rigor, uma delimitação entre metáfora e pensamento metafórico (como quando se fala em “metáfora da Caverna”, p. 153), o que esbate o aspecto essencial, ontológico, em que assenta a dinâmica da metáfora: uma associação intuitiva, não mentalmente trabalhada – ao contrário da

comparação – entre dois objectos diversos (nessa perspectiva, será de considerar a definição de “enfoque interactivo” que Max Black, citado na p. 155, propõe)<sup>2</sup> A observação da linguagem popular, não contaminada ainda pelos padrões impostos nos *mass media*, não só é, a este título, elucidativa, como permite corrigir outro preconceito generalizado: o de que a metáfora pertence em exclusivo, ou quase, à linguagem poética<sup>3</sup>. Sem recusar a sugestiva interpretação que o A. dela faz como “el corazón de la poesía” (p. 7), vê-la-ia antes como uma potencialidade intrínseca ao próprio acto linguístico, espécie de “fermento” presente em maior ou menor grau nos usuários de uma língua, independentemente da *intencionalidade* que distingue a actividade poética.

À parte este reparo, reconhece-se sem custo a eficácia de uma confluência feliz entre tomismo e Filosofia Analítica, que o A. deliberadamente empreende (p. 32). Atestando longa familiarização nos domínios antigos e modernos da reflexão sobre a linguagem (que uma vasta bibliografia, activa e passiva, corrobora), a presente colecção de ensaios tem o interesse de procurar, com assinalável clareza e rigor, o ponto de equilíbrio adequado, quer à delimitação dos problemas versados, quer à análise das controvérsias que motivam. Por esse aspecto, como por outros (vejam-se as modelares sínteses sobre os antecedentes e o aparecimento da Filosofia Analítica e suas correntes e do Estruturalismo, respectivamente pp. 24-29 e 161-166) constitui também uma cativante introdução aos meandros da moderna problemática sobre a linguagem, que se lê com agrado e proveito.

MARIA TERESA SCHIAPPA DE AZEVEDO

PEDRO C. TAPIA ZÚÑIGA, *Leituras Áticas I.*, 2 volumes: *Introducción a la filología griega e \*Ερωτήματα και γυμνασία* (*Cuestionarios y Exercicios*), México, Universidad Nacional Autónoma de México, 1994, resp. 137 e 71 pp.

Com estes dois volumes complementares pretende-se testar e, quiçá, implementar um método de ensino do Grego que dispense iniciações demasiado minuciosas e, logo, retardadoras de um contacto imediato e vivo com os textos gregos originais.

---

<sup>2</sup> A prioridade da metáfora sobre a comparação, sublinhada já por Aristóteles na *Retórica*, ficou praticamente ignorada na tradição retórica posterior, como nota P. Ricoeur em *A metáfora viva* (trad. port.) Porto, 1983, p. 40. Essa prioridade ontológica é expressivamente posta em destaque por J. G. Herculano de Carvalho, “Inovação e criação na metáfora”, sep. da *Revista da Universidade de Coimbra*, 20 (1962), esp. pp. 14-16.

<sup>3</sup> Um exemplo clássico desta linguagem popular, eivada de metáforas, é a fala dos libertos da *Cena Trimalchionis* de Petrónio (*Satyricon*, §§ 41-47).